

## CRÔNICA

José Natal [ljnatal@gmail.com](mailto:ljnatal@gmail.com)

# Conversa de boteco

**A**í a editora me pede assim, de chofre, para escrever uma crônica e publicar no espaço cativo deixado pelo amigo Paulo Pestana. E, para piorar, sugere usar a linha utilizada por ele. Duplamente perplexo — pelo convite e pela linha sugerida — demorei um pouco para responder. Como você está lendo, é porque concordei. Mas o desafio só aumentava: como substituir, mesmo que eventualmente, o talento incomparável do Pestana? Porém, logo passei a rabiscar algumas ideias e eliminar outras. Não posso escrever sobre música na página de quem era do maior especialista no assunto que conheci. Eu desafino cantarolando *Parabéns pra você*, não posso falar nada nesse campo. Só para ilustrar, há alguns anos assistimos juntos a um show de Sir Paul McCartney no estádio do Botafogo, no Rio de Janeiro. Lá, ele parecia apenas mais um fã do lendário Beatle.

Foi quando a mesma editora do mesmo CB pediu a ele um texto misturando crônica, reportagem e opinião. Pensei comigo:

“Lascou, ele não anotou nada.”

Pois bem, no dia seguinte, estava lá impressa no jornal a melhor crônica, reportagem e opinião que já li sobre um show. A memória dele era realmente prodigiosa, somada a uma cultura geral raríssima que proporcionava textos assim, completos, perfeitos. Tinha sutilezas, frases inspiradas (era um grande frasista) e análises perfeitas. E ninguém escrevia uma história

contada uma única vez tão bem. Surpreendia políticos, artistas e amigos reproduzindo e transportando para o papel palavras ouvidas sem anotar ou gravar nada.

Devia ter dito não à editora, ainda argumentei que não tenho a capacidade de seguir a linha de quem considero o maior cronista de Brasília. Mas ela ponderou: faça do seu jeito. A confusão mental aumentou, já que topei. Depois de muito matutar sobre o que escrever, me lembrei de outra característica do Paulinho, a capacidade de fazer amigos. São centenas e todos com a certeza individual de que é

o melhor amigo dele.

Fui tentado a levar a prosa para um espaço que desfrutamos juntos por muitos anos, o bar. Qualquer um, especialmente o da Baixinha, no Lago Norte. Lá, ele colhia depoimentos, ouvia relatos e conhecia futuros personagens das suas crônicas.

Gostava também de provocar seus leitores utilizando expressões inusuais, em latim ou num português de Eça de Queirós. Quem lia era obrigado a recorrer ao velho dicionário ou, os atuais, ao Google. Um



Confira o blog com as crônicas do jornalista Paulo Pestana

dos leitores se irritava e reclamava de ter que buscar o sentido e significado dos termos. Descobriu depois que o Pestana era viciado em palavras cruzadas, lá se abastecia desses novos e

velhos termos. Sabia dos bichos todos os femininos, e não fazia forfait.

Muitos iam ao bar para contar alguma situação vivida ou sabida. No bar, ele relaxava e exercia seu humor fino, a ironia elegante. A longa amizade fazia do bar ponto de encontro.

Nesta semana, o clima lá esteve estranho, o riso era contido, quem muito fala, estava calado. A alegria vai voltar, eu sei, e a conversa continuará a inspirar novas e belas crônicas do Paulinho Pestana. Vão ser publicadas no **Correio do Céu**.